



Artur Filipe dos Santos

BOM CAMINHO

Património Cultural e Paisagístico dos Caminhos

Portugueses a Santiago de Compostela

O Caminho Central



Ficha técnica

Título: BOM CAMINHO - Património Cultural e Paisagístico dos Caminhos Portugueses de Santiago - O Caminho Central

Autor: Artur Filipe dos Santos

Fotos: Artur Filipe dos Santos

Design e paginação: Editora Alma Letra

www.almaletra.pt

info@almaletra.pt

ISBN: 978-989-9140-17-2

1ª edição, Viseu, novembro 2024

Tiragem: 500 exemplares

Depósito legal: 540763/24

© Artur Filipe dos Santos

À minha família que está sempre lá onde quer que esteja.

Aos meus alunos por me ensinarem a ensinar.

Aos amigos de sempre.

Aos peregrinos que me antecederam e inspiram.

Ao Apóstolo Santiago que me guia com o seu exemplo.

Ultreya et Suseya!



Santiago Peregrino - Igreja de S. Gonçalo de Amarante

Índice

Prefácio	11
Introdução	13
As pedras gravam a felicidade do peregrino	15
Antes do Caminho de Santiago, o Caminho Pré-cristão	21
Entre a história e a tradição, um nome para a eternidade	25
A descoberta do mausoléu sagrado	31
Santiago: o Apóstolo, o Peregrino, o Matamouros e outras representações	35
As três festas em honra de Santiago	39
A origem das famosas Setas Amarelas	43
Rei Fernando I de Leão, o primeiro peregrino do Caminho Português	45
Portugal dos vários Caminhos a Santiago	49
Pelo Caminho Central, tanto património para descobrir: de Lisboa a Santarém	55
Da capital do gótico ao Reduto dos Templários	59
Tomar: o bastião templário que salvou Portugal	63

O tesouro da Rainha Santa Isabel na cidade dos estudantes	67
Isabel de Aragão em Santiago para agradecer o Milagre das Rosas	71
De Coimbra à Mealhada, um outro caminho a descobrir: o gastronómico	75
Da Mealhada a Oliveira de Azeméis, entre rios e chapéus de chuva	79
Finalmente o Porto	85
O Porto da História e dos Caminhos	89
O Caminho de Santiago e o Porto Medieval	93
A Sé Catedral do Porto, o primeiro bispo e o primeiro padroeiro	97
A História da Credencial do Peregrino	101
A Capela de Santiago no Claustro Velho da Sé Catedral do Porto	105
As três variantes do Caminho Central	109
Deixando a Invicta para trás rumo a S. Salvador e Vairão	113
A caminho do templo do primeiro Bispo de Braga	119
De Rates a Barcelos, icónica etapa do Caminho Central	123
Em Barcelos mora o galo que é lenda e artesanato	129

Ponte de Lima, a vila unida por dois Caminhos	135
Serra da Labruja, a jornada mais dura do Caminho	143
O Caminho alcança Valença	147
Valença, Tui e o Fogo de San Telmo	151
De Porriño a Mos, com um salto à África do Sul	157
De Mos a Pontevedra e a Ria de Vigo à vista	161
Pontevedra, a mítica cidade das <i>duas Virxes</i> e do <i>louro Ravachol</i>	169
De Pontevedra a Caldas de Reis, seguindo o velho <i>camiño real</i>	177
Da água fria da Fervenza do Barosa aos banhos quentes de Caldas de Reis	183
A caminho do berço da tradição jacobea	187
Iria Flavia, um porto seguro romano em Terra de galaicos	195
Padrón: nascimento e vida do culto jacobeu	199
De Padrón a Santiago, o epílogo do Caminho Português	207
A Escravitude	211
Enfim Santiago	215
Chegar a Compostela é todo um novo Caminho	221



Sé de Lisboa. Para muitos o início do Caminho Português Central rumo a Santiago de Compostela.

Prefácio

É com muita alegria que recebo na minha caixa de mensagens a cópia de um livro que aguardava com ansiedade: *Bom Caminho! Património Cultural e Paisagístico dos Caminhos Portugueses a Santiago de Compostela: o Caminho Central*.

E afirmo isso, já que, desde o primeiro contato que tive com o querido amigo Artur Filipe dos Santos, através das redes sociais, pois moro na cidade de São Paulo/Brasil, comentei a falta de materiais históricos que temos à disposição para poder saber mais sobre o Caminho de Santiago em terras portuguesas. Desde o final do século passado, venho estudando o Caminho Francês e na minha procura por publicações nessa área, pouquíssimos livros (para não dizer praticamente nenhuns) se preocupavam em trazer informações peregrinas que nos mostrassem o passado jacobeu em Portugal. Felizmente, isso está mudando e tenho agora em mãos um material que em muito ajudará todos aqueles que não querem apenas percorrer o Caminho Português, mas saber, em sua plenitude, aspectos históricos, paisagísticos e tantos outros que fazem parte desse trajeto e estão contidos nesta obra.

Pessoalmente, conheço poucas pessoas no mundo peregrino com tanta sede de conhecimento do Caminho de Santiago quanto o meu amigo português. Sempre que vejo as suas publicações, ele está em algum vilarejo, mosteiro, castelo, calçada romana ou outra referência relevante para a história peregrina do seu país. E não se limita à “Cidade Invicta”, onde

mora. Vai em busca de novos destinos. Ele se desafia a todo o momento à procura de novas descobertas e esse desafio acaba sendo um presente para nós, pois na volta faz questão de compartilhar tudo o que acabou se revelando diante dos seus olhos. Felizmente, muitos desses estudos agora estão reunidos nesta edição que nos revela o Caminho Central Português.

Este livro é como um filho que a família peregrina aguardava com ansiedade, e estou certo de que outros filhos virão. E sobre o autor, eu mesmo não sei bem se estamos diante de um historiador peregrino ou um peregrino historiador. Deixo que os peregrinos escolham a melhor definição.

Não tenho muito mais a dizer além de recomendar este livro a todos os que vão iniciar o Caminho Português. Após a leitura, a viagem ganhará outros contornos. A riqueza do Caminho não está só em chegar à Praça do Obradoiro, entrar na Catedral de Santiago de Compostela ou ver o pêndulo feito pelo Botafumeiro no final da Missa do Peregrino. Está em cada pequeno vilarejo, em cada construção levantada (pedra sobre pedra), em cada monumento, em cada paisagem que tantos peregrinos viram e tocaram ao longo dos séculos, que faz parte desse patrimônio cultural e paisagístico português.

O filósofo alemão Johann Wolfgang von Goethe afirmou que a Europa se fez peregrinando a Compostela. Depois de ler este livro estou certo de que Portugal também.

Bom Caminho...! E que Santiago proteja todos aqueles que agora estão com esta publicação em mãos.

Jorge Cáceres
Setembro/2024

Introdução

Esta obra nasce do trabalho que venho realizando como docente, jornalista, investigador e divulgador do património cultural português europeu. Ao longo dos quase 20 anos de experiência, fui alimentando de conhecimento a paixão que me acompanha, desde tenra idade, de explorar e dar a conhecer as rotas de peregrinação a Santiago de Compostela na sua vertente histórica e simbólica, os mitos que a povoam, a musicalidade que foi soando ao longo dos séculos.

Este amontoado de páginas foi uma exigência de todos os que se foram ligando a este meu desígnio de perpetuar a memória dos Caminhos de Santiago e a tradição jacobea, de forma a legitimar toda a informação compilada acerca desta sempre apaixonante temática, e a experiência da realização de muitos caminhos oficiais que conduzem os peregrinos a Santiago de Compostela.

Este que será o primeiro de cinco livros dedicados aos Caminhos Portugueses, não é só um relato pessoal, mas também uma reflexão histórica sobre o património cultural, paisagístico e imaterial da Via Lusitana, desde a cidade

de Lisboa até Santiago, explorando marcos intemporais da paisagem cultural e natural, permitindo que curiosos nacionais e estrangeiros descubram o épico tesouro que é este país banhado pelo Atlântico, com a melhor vizinhança de que se pode usufruir, a Galiza, terra-irmã, uma extensão da nossa culturalidade (e vice-versa), especialmente a mais ligada ao norte de Portugal.

Embora o foco esteja nos conhecimentos sobre as igrejas, mosteiros, palácios, museus, paisagens, gastronomia, saberes orais e outras curiosidades, não posso deixar de destacar algumas experiências pessoais que despertaram em mim um amor profundo e inesgotável pelo contexto histórico, vivencial e espiritual dos Caminhos de Santiago.

Por favor, desfrute e BOM CAMINHO!

As pedras gravam a felicidade do peregrino

Cinco caminhos, partidas diferentes, uma meta comum: Santiago de Compostela.

Corria a década de 90 de um século agora guardado nos livros, nas cassetes, CD's, filmes e documentários. Os telemóveis não existiam, a Internet dava os primeiros e tímidos passos. Já nessa altura, eu era um entusiasta do património cultural, um curioso pela história - o património é a história que se toca -, um "ensaísta" ávido de conhecer o passo etnográfico das gentes e dos lugares. Tanto que um antigo colega das lides jornalísticas, também professor, chegou a comparar a minha obstinação viageira à de um famoso radialista português, oferecendo-me um epíteto que guardo ainda hoje: *Vagabundo da Cultura*.

Entrando num daqueles comboios que percorriam a Europa (*interrails*), na minha primeira visita a Madrid descubro, em pleno mercado de *El Rastro*, um opúsculo sobre rotas medievais que conduziam a um lugar no extremo noroeste da antiga Ibéria romana. Relatava a pregação, em

terras hispânicas, do Apóstolo Santiago Maior, o seu martírio, a *Traslatio* do seu corpo até *Iria Flávica* (atual *Padrón*) e, séculos mais tarde, o achamento da sua tumba por um ermita. O culto das suas relíquias atraiu reis, cavaleiros, monges, mestres pedreiros, menestréis, envolvendo até a história de um padre que traçou os caminhos desde França até o fim da terra. Tive curiosidade!

No regresso ao Porto, cidade que me viu nascer, decidi embarcar noutra comboio, rumo ao destino que tanto despertou a minha atenção: Santiago de Compostela, aqui vou eu!

Na capital da Galiza descobri que, apesar de ter nascido numa família católica, sabia muito pouco sobre os mais fiéis companheiros de Jesus. Talvez por imaturidade, ou, porque a catequese foi muito pouco... catequética.

Em Compostela, senti uma energia inigualável, uma atmosfera que me empurrava para o coração do seu “casco” histórico, a Catedral. Ali fiquei a saber, pela voz de duas figuras marcantes que tive o privilégio de conhecer nesta primeira aventura “peregrina”, que era naquele épico altar de arte que repousava um dos três discípulos prediletos de Jesus.

Uma destas figuras, *Zapatones*, o mais famoso peregrino da *Praça do Obradoiro*, contou-me, entre fotografias que ia tirando com turistas, que há mais de mil anos, gentes dos locais mais distantes do velho continente europeu caminhavam até Santiago de Compostela para se ajoelharem diante das relíquias do santo evangelizador de Espanha. Falou-me de tradições, do que comer entre as ruas do Franco

e de Vilar, e, porque era sexta-feira, da *Queimada Galega* - bebida feita à base de aguardente, café, limão e açúcar, a que se ateia fogo -, que havia na *Associação Lar das Meigas*.

Lá, onde as bruxas más da mitologia galega praticavam os seus *meigallos*, conheci o *Mágico de Oz*, um “queimador” vestido de monge, com uma espécie de concha pendurada num fio vermelho, ao pescoço, que murmurava uma reza enquanto mexia um líquido azul flamejante - *um conxuro*, como lhe chamam os galegos -, quase impercetível (naquela época, os meus conhecimentos de galego eram pouco ou nada existentes).

No fim da teatral *Queimada*, fui falar com o ancião artista. Tudo o que me disse despertou em mim uma profunda convicção: tinha de fazer o Caminho de Santiago!

Já despido daquelas vestes, o mágico falou-me da concha de vieira, um dos símbolos dos peregrinos de Santiago, junto com o bordão, o chapéu e a cabaça; das setas amarelas do Caminho, que o padre sobre quem li em Madrid, *Elías Valiña Sampedro*, mais conhecido como *O Cura do Cebreiro*, foi promovendo como sinalização privilegiada da rota. Mas, mais importante ainda, falou-me de como tudo começou. O ponto de partida: Oviedo e a peregrinação do Rei das Astúrias, Afonso II, o Casto, ao túmulo de Santiago, descoberto por um eremita chamado Paio e legitimado, entre os anos 830 e 839, por Teodomiro, bispo da diocese de Iria Flavia. Afonso II percorreu a rota que mais tarde viria a ser conhecida por *Caminho Primitivo*. Falou-me também de um

Caminho Português, de um *Caminho Moçárabe (ou da Prata)* e do mais emblemático de todos, pelo seu rico património, história e lendas: o *Caminho Francês*, sem esquecer o prolongamento até Finisterra e Muxía.

Fiquei hipnotizado enquanto o ouvia falar de Carlos Magno, do seu sobrinho Rolando e da célebre Batalha de Roncesvalles – episódio central da mais importante obra da gesta francesa, *Le Chanson de Roland*, do livro *Códex Calixtinus*, cujo *capítulo V* serviu como primeiro guia para os peregrinos medievais. Contou-me também sobre a Senhora do Pilar de Saragoça, as igrejas e castelos templários, os mosteiros beneditinos e as grandiosas catedrais góticas de Burgos e de León. E, para minha surpresa, disse-me que o Caminho Português, esse partia... do Porto!

Um ano depois, rumei a Oviedo e aí começou a primeira de muitas aventuras nos Caminhos de Santiago, alguns deles repetidos mais do que uma vez: Caminho Primitivo, Caminho Português, Caminho Francês, Caminho Inglês, Caminho de Finisterra. Da aventura ao estudo foi um salto.

Terminado o curso de comunicação social e cansado da carreira de jornalista, voltei-me para o profundo amor da adolescência, agora mais amadurecido: o estudo do Património e da História, e a partilha desse conhecimento com todos os que estivessem dispostos a ouvir ou a ler.

Já como professor, regressei às calçadas empedradas e desafiantes do Caminho e convenci estudantes de todas as idades (com especial destaque para os meus alunos da

Universidade Sênior Contemporânea do Porto, alguns com quase 80 anos) a acompanharem-me numa aventura dos tempos modernos, por entre destinos onde o tempo não passou, viciando-os com a atmosfera ainda pura dos “vieiros” a Compostela.

Os Caminhos de Santiago representam, para mim, a mais intensa demonstração de uma relação telúrica entre a fé e a espiritualidade das tradições que exploro com avidez, entre a meditação contemplativa e a paz interior que se alcança apenas dormindo ao relento, ao som dos mochos! É um vício que não se despega, que não tem cura, que se intensifica cada vez que ouço ou toco a gaita galega (sou “gaiteiro nas horas vagas”, com desmesurado orgulho), ou descubro uma nova lenda, como a dos galos de *Santo Domingo de la Calzada* (ou do nosso Galo de Barcelos), ou da Pedra Furada de Santa Leocádia, da Rainha Santa Isabel ou de San Telmo, dos cães selvagens de Foncebadón ou da Cruz de Ferro, da paisagem do *Alto Del Perdón* ou a *Ruta de los Hospitales*, de cada vez que troco contactos com peregrinos de “junto da porta” ou me uno com os do outro lado do mundo, num qualquer albergue.

Da Alemanha, Itália, França, Reino Unido, Chile, “irmão” Brasil e até do Japão, foram muitos os viandantes de Santiago que aprendi a chamar de amigos, à medida que me iam contando como o pisar das pedras ia gravando a sua felicidade, acabando sempre a desejar um efusivo e afetuoso *Buen Camiño!* (com honra e dignidade histórica, em bom latim, para os mais eruditos, *Ultreya et Suseya!*).

O Caminho de Santiago deu-me muito e nada me tirou, fez crescer a minha “humanidade”, ajudando a pacificar-me a nível emocional. Proporcionou-me viagens no tempo, a um período em que apenas contava eu e os burgaus do Caminho, onde o tempo passava tão devagar como daquela vez em que o abade de Armenteira se perdeu no paraíso. Para mim, o Caminho foi (e ainda é) o Éden, onde comi da árvore da sabedoria, onde escolhi o bem e extirpei o mal. Mas desta vez, Deus ficou feliz.

Ultreya et Suseya

Antes do Caminho de Santiago, o Caminho Pré-cristão

Pelo mundo fora, conhecemos milhares de peregrinações religiosas que pontuam o andamento da fé e da cultura dos povos. Se, na Europa, as peregrinações a Fátima, Lourdes, Roma e Santiago são as mais citadas, noutras paragens encontramos transcendentais manifestações de superação espiritual e física como o Caminho de Shikoku ou Kumano Kodo, no Japão, a romagem muçulmana com destino a Meca (conhecida como a Haje), o caminho Inca a Machu Picchu ou ainda a peregrinação à Senhora da Aparecida, no Brasil.

Peregrinar faz parte do ADN humano desde os primórdios da civilização, começando com a nossa saída do berço, em África, até chegarmos aos glaciares da Patagónia. Não é de surpreender que, desde o período neolítico, especialmente a partir da Idade dos Metais, as primeiras comunidades sedentárias sentissem necessidade de o fazer, prestando tributo às divindades naturais. Um exemplo disso